



Montanha Mágica* Arte e Paisagem
Universidade da Beira Interior, Covilhã
20-22 Novembro 2019

www.montanhamagica.ubi.pt

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Francisco Paiva . Universidade da Beira Interior PT

Rita Sixto . Universidade do País Basco ES

COMISSÃO CIENTÍFICA

António dos Santos Pereira, FAL Universidade da Beira Interior PT

António José Santos Meireles, Instituto Politécnico de Bragança PT

António Delgado, ESAD Instituto Politécnico de Leiria PT

Adriana Veríssimo Serrão, FL Universidade de Lisboa PT

Alastair Fuad-Luke, University of Bozen-Bolzano IT

Ana Leonor Madeira Rodrigues, FA Universidade de Lisboa PT

Carmen Bellido Márquez, FBA Universidad de Granada ES

Carmen Marín Ruiz, FBA UC Madrid Grupo Humanidades Ambientales ES

Catarina Moura, FAL Universidade da Beira Interior PT

Eduardo Paz Barroso, Universidade Fernando Pessoa PT

Fernando Garcia-Dory, inland - art, agriculture & territory ES

Francisco Tiago A. Paiva, FAL Universidade da Beira Interior PT

Hélène Saule-Sorbé, FBA Université Bordeaux 3 FR

João Castro Silva, FBA Universidade de Lisboa / Luzlinar PT

João Carlos Correia, FAL Universidade da Beira Interior PT

João Paulo de Araújo Queiroz, FBA Universidade de Lisboa PT

Joaquim Mateus Paulo Serra, FAL Universidade da Beira Interior PT

José Maria da Silva Rosa, FAL Universidade da Beira Interior PT

Josu Rekalde Izagirre, FBA Universidade do País Basco ES

Juan Guardiola Román, Centro de Arte y Naturaleza, Huesca, ES

Luís Nogueira, FAL Universidade da Beira Interior PT

Manuela Penafria, FAL Universidade da Beira Interior PT

Manuela Pires da Fonseca, A Ribeira a Gostar dela Própria PT

Miguel Bandeira Duarte, EA Universidade do Minho PT

Miguel Santiago Fernandes, FE Universidade da Beira Interior PT

Pedro Gadanho, Harvard University PT

Paulo Oliveira Freire Almeida, EA Universidade do Minho PT

Paulo Luís Almeida, FBA Universidade do Porto

Rita Salvado, FE Universidade da Beira Interior PT

Paloma Villalobos, FBA Universidad Complutense de Madrid / Matadero ES

Rita Sixto Cesteros, FBA Universidad del País Vasco ES

Txemi García Mediero, FBA Universidad del País Vasco ES

Urbano Sidoncha, FAL Universidade da Beira Interior PT

Veva Linaza Vivanco, FBA Universidad del País Vasco ES

COMISSÃO EXECUTIVA

Francisco Paiva, Coordenação Geral / francisco.paiva@labcom.ubi.pt

Mércia Pires, Secretariado / mercia.pires@labcom.ubi.pt +351 275 242 023 / ext. 1201

Sara Constante, Design e Apoio à investigação / sara.constante@labcom.ubi.pt

António Matos, Web Developer e Apoio informático / admin@labcom.ubi.pt

Daniel Oliveira e Bruno Padalko, Voluntários

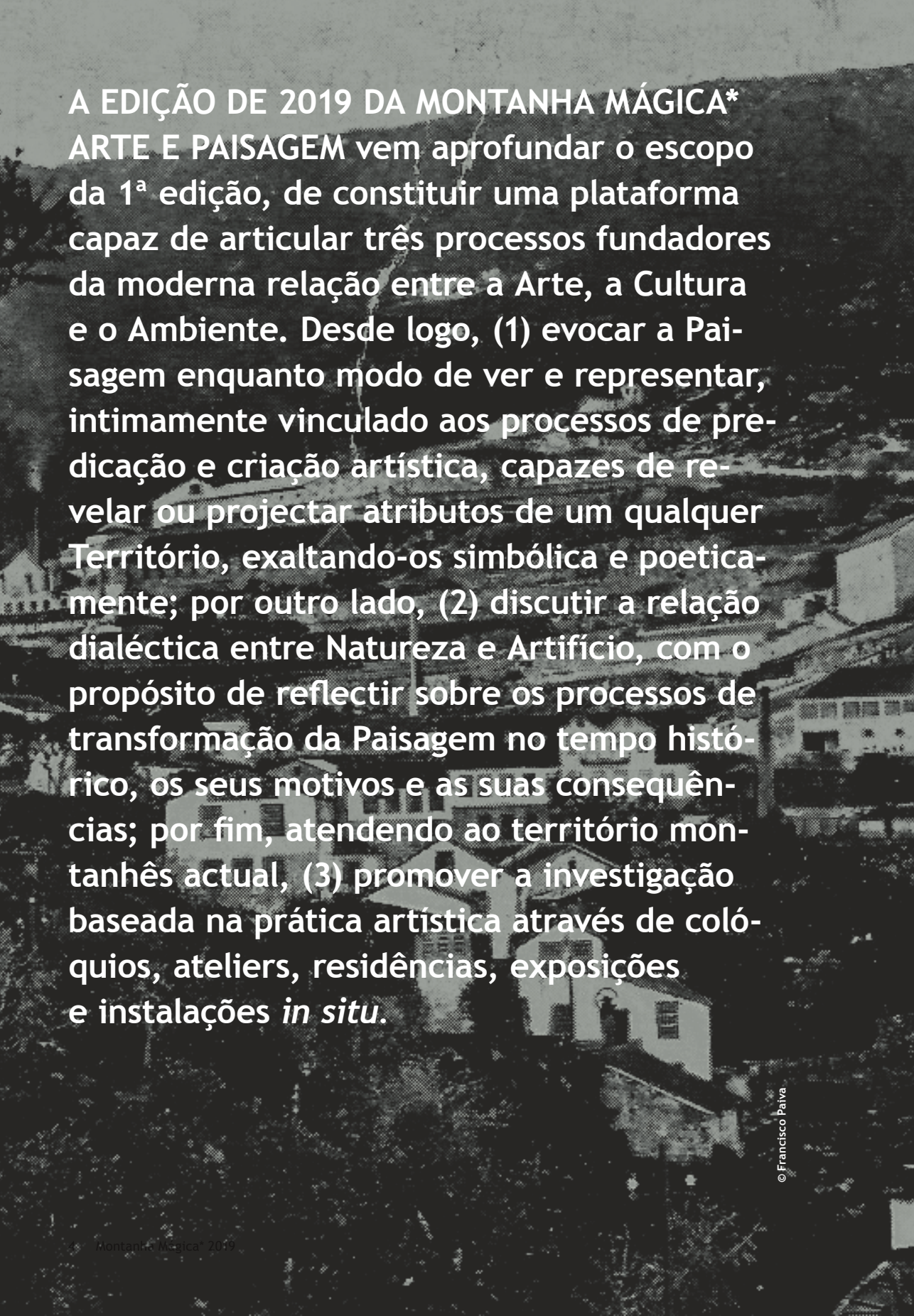
Universidade da Beira Interior Faculdade de Artes e Letras Departamento de Artes

Rua Marquês D'Ávila e Bolama 6201-001 Covilhã, Portugal



Montanha Mágica* Arte e Paisagem
Universidade da Beira Interior, Covilhã
20-22 Novembro 2019

www.montanhamagica.ubi.pt



A EDIÇÃO DE 2019 DA MONTANHA MÁGICA* ARTE E PAISAGEM vem aprofundar o escopo da 1ª edição, de constituir uma plataforma capaz de articular três processos fundadores da moderna relação entre a Arte, a Cultura e o Ambiente. Desde logo, (1) evocar a Paisagem enquanto modo de ver e representar, intimamente vinculado aos processos de predicação e criação artística, capazes de revelar ou projectar atributos de um qualquer Território, exaltando-os simbólica e poeticamente; por outro lado, (2) discutir a relação dialéctica entre Natureza e Artifício, com o propósito de reflectir sobre os processos de transformação da Paisagem no tempo histórico, os seus motivos e as suas consequências; por fim, atendendo ao território montanhês actual, (3) promover a investigação baseada na prática artística através de colóquios, ateliers, residências, exposições e instalações *in situ*.

Neste encontro com a montanha, a Natureza surge com máscara humana, artifício resultante da sedimentação de processos culturais e identitários complexos, que apelam hoje a uma renaturalização progressiva do próprio sujeito. Com as suas continuidades e rupturas, planos e falhas, idas e regressos, a Montanha abre-se como um limiar de travessia e re-significação da experiência estética, resistindo à redução que o caleidoscópio mediático vem operando nos referentes paisagísticos. Sob o pano de fundo do Antropoceno, a Arte interpela-nos e convoca-nos para um combate ecológico essencial, reclamando com crescente premência a estética como ética e a representação como linha de fuga ao senso comum.

A analogia entre os processos criativos contemporâneos e a dinâmica diegética da Montanha Mágica que Thomas Mann publicara em 1924, torna-se mais aguda quando comparamos a suspensão temporal que vive a nossa época, em paralelo com a redefinição do tempo operada na sociedade ali descrita, a qual, estando à beira da catástrofe, nem sequer percebia estar em crise. Na Montanha Mágica coexistem os opostos, o micro e o macro-cosmos, o Paraíso e o Inferno, a Vida e a Morte, numa pulsão paradoxal que experimenta quem se aparta do mundo. A Montanha é um símbolo capaz de reconfigurar o que está para lá dela. A tuberculose que consumia o corpo, qual catástrofe ecológica à escala global, serviu de metáfora para expor e revelar a doença do espírito que o capitalismo global vinha acentuando

O ciclo de produtivismo assente na extração de recursos naturais tem afectado muito as grandes cadeias montanhosas, dos Andes aos Himalaias, e também os Montes Herminios. A natureza ontológica da Arte Contemporânea, com o potencial de combate à pulsão da “pós-verdade”, repercute-se nas

condições de educação estética dos indivíduos, junto dos quais reforça a importância da criação artística para a assunção de uma atitude crítica perante o Mundo. Não invalidando nenhuma das suas outras dimensões, tal carácter noético da Arte poderá, enfim, libertar-nos dos trabalhos inúteis e sem esperança em que caiu Sísifo, esse herói absurdo, incapaz de terminar coisa alguma, que apenas toma consciência do seu tormento no contínuo e alternado processo de subir e descer a Montanha.

O Encontro **Montanha Mágica*** 2019 decorre em vários espaços e lugares, culminando no simpósio de encerramento e nas exposições, a inaugurar a 22 de Novembro. Além das actividades que decorrem na Universidade da Beira Interior, na Covilhã, o programa conta com residências artísticas na Serra da Estrela, no monte Serantes, em Bilbau, e na região de Vinhais, Trás-os-Montes. A produção resulta fundamentalmente de uma parceria entre os cursos do Departamento de Artes da UBI, em especial o seu Doutoramento em Media Artes, o LABCOM - Comunicação e Artes, o Museu de Lanifícios, a Faculdade de Belas Artes da Universidade do País Basco e o Grupo de Investigação LaSIA, contando com preciosas parcerias e apoios, de entre os quais se destaca a Câmara Municipal de Vinhais e o Laboratório de Artes na Montanha Graça Mourais, de Bragança.

MM*2019 © Francisco Paiva

Programa

An aerial, black and white photograph of a densely built hillside town. In the foreground, a modern, low-rise building with a flat roof and a series of vertical windows is visible. The town extends up the hillside, with numerous houses and buildings of varying architectural styles. A prominent church with a dome is visible in the upper right. The overall scene depicts a blend of traditional urban development and modern architecture.

22 NOVEMBRO 2019

6ª feira, Auditório da Biblioteca, UBI

9:00 - Abertura

Paulo Serra, ICI UBI

José Rosa, FAL UBI

Anabela Gradim, LABCOM / UBI

Luís Nogueira, DA UBI

Francisco Paiva, LABCOM / UBI

Rita Sixto, laSIA, UPV-EHU

9:30

Jesús Osorio, FBAUGR

Residência Artística na Serra da Estrela

10:00

Tiago Fernandes / Manuela Penafria /

Fernando Cabral / Paulo Cunha, UBI

Residência Artística em Vinhais,

Trás-os-Montes

10:30

Unai Requejo / Veva Linaza, UPV-EHU

Serantes-Caracol. Una conversación entre dos montes

11:00

Eduardo Paz Barroso, UFP

Anatomias da Paisagem: circulações

e migrações entre cinema e arte

contemporânea

11:30

João Correia, UBI

Romantismo versus positivismo no

imaginário científico do século XIX: o

estatuto ambíguo da expedição geográfica

contemporânea

12:00

Daniel Moreira / Rita Castro Neves, FBAUP

Do fogo, da folha e da pedra

13:00 - Almoço

14:30

António Meireles, IPB

A minha montanha é melhor que a tua

- o local e o global na arte contemporânea

15:00

Francisco Paiva, UBI

Imaginário da Serra da Estrela: Panorama

15:30

Joana Baião, Jorge da Costa LAM

Da montanha e outros territórios na arte

de Graça Morais

16:00

Miguel Bandeira Duarte, LAB2PT / UM

Alvão: Movimento na Paisagem

16:30

Rayman Virmond, UBI

Elevação: a representação da montanha

na obra de Werner Herzog a partir de uma

análise geográfica e fílmica

17:00

Fernando Aranda, UBI

Sem Terra mas em Casa: Vagueando pela

Serra da Estrela

17:30

Rita Sixto, FBA UPV-EHU

Ascenso al Ventoso, después del Serantes

18:00 - Inaugurações

Rita Salvado, MUSLAN

Francisco Paiva, LABCOM-UBI

Rita Sixto, laSIA-FBAUPV

MM # 01 Daniel Moreira e Rita Castro Neves

Átrio - Museu de Lanifícios

MM # 02 Unai Requejo e Veva Linaza

Galeria das Fornalhas

Museu de Lanifícios

MM # 03 Jesus Osório

Galeria de Exposições Temporárias

Museu de Lanifícios

MM # 04 Miguel Bandeira Duarte

Galeria das Fornalhas

Museu de Lanifícios

Convidados / Temas





ANTÓNIO MEIRELES

António José Santos Meireles (Guimarães, 1973) Licenciado em Artes Plásticas - Pintura, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Mestre em Desenho pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, em 2005 e Doutor em Belas Artes, especialidade em Desenho na mesma instituição de ensino em 2015. Título de Especialista em Belas Artes atribuído pelo consórcio dos Institutos Politécnicos de Bragança, Lisboa, Coimbra e Viana do Castelo em 2012. É docente do departamento de Artes Visuais na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança desde 2002. Sob o nome de António Santos, expõe desde 1995 com regularidade. Ganhou o 1º Prémio da IIIª Bienal de Artes Plásticas da Marinha Grande em 2000 e uma Menção Honrosa em Pintura - Xº Salão da Primavera do Casino Estoril em 1997. Tem obras em acervos da Câmara Municipal de Lisboa, Câmara Municipal de Braga, Câmara Municipal de Viana do Castelo, Museu do Vidro da Marinha Grande e Coleção de Arte do Instituto Camões.

A minha montanha é melhor que a tua - o local e o global na arte contemporânea

Num mundo de montanhas, mas também serras, vales e planícies bastante exploradas, cartografadas, fotografadas e descritas, a sua existência e relevância decorrem apenas da sua visibilidade. Não aquela que nos relaciona fisicamente com um espaço e um tempo, mas outra, mais etérea e difu-

sa, que nos insere num campo significativo que não controlamos totalmente. Temos assim montanhas e por montanhas podemos considerar outros aspetos da vida e da sociedade como obras artísticas, que nos são mais próximas que aquelas com as quais vivemos. Neste sentido, o Evereste pode ser algo mais relevante que a montanha sobre a qual a nossa casa se ergue, ou a obra de um artista contemporâneo nos ser mais próxima que aquela produzida na nossa vizinhança. Porquê? — Como considerar e articular o local e o global na arte contemporânea é a proposta desta comunicação, que mais que respostas, procura promover uma reflexão e, esperamos, uma ação.



DANIEL MOREIRA E RITA CASTRO NEVES

Artistas que vivem e trabalham no Porto, com percursos expositivos separados, trabalham desde 2015 em colaboração. Daniel Moreira é arquiteto, iniciando em 2000 um percurso multidisciplinar entre a arquitectura e as artes plásticas. Rita Castro Neves, após terminar o Curso Avançado de Fotografia do Ar.Co e o Master in Fine Art da Slade School of Fine Art de Londres, inicia atividade artística regular, de docência (atualmente na Faculdade de Belas Arte do Porto) e de curadoria (Anuário 18. Uma visão retrospectiva da arte do Porto; Trama Festival de Artes Performativas; Dia E Vento; brrr Festival de Live Art). Desde que em 2015 foram desafiados pelo espaço artístico finlandês Oksasenkatu 11 a realizar um projeto colaborativo, que têm

exposto regularmente em Portugal e no estrangeiro. As residências artísticas (Maputo, São Paulo, Paranapiacaba, Alvito, Serra da Estrela, Feital...) e viagens de estudo (Japão com Bolsa da Fundação Oriente) têm sido importantes para o desenvolvimento do seu corpo de trabalho.

www.danielmoreira.net



Do fogo, da folha e da pedra

Do fogo, da folha e da pedra será um momento de partilha e reflexão sobre alguns dos nossos projetos artísticos do último ano. Frequentemente apoiadas em projetos de residência, e na prática de caminhar, as nossas exposições configuram-se em instalações em que o expositivo e o dispositivo se complexificam mutuamente. Numa construção a partir da fotografia, do desenho, e do vídeo, as nossas estruturas ocupam e interagem com o espaço, enquanto reflexo e reflexão sobre o lugar da apresentação e a representação dos lugares.

EDUARDO PAZ BARROSO

Eduardo Paz Barroso (Porto, 1957). É Professor catedrático de Ciências da Comunicação na FSHS da Universidade Fernando Pessoa (licenciado em Filosofia pela FLUP, Doutoramento pela FCHS da Universidade Nova de Lisboa e Agregado pela UBI). Investigador do LabCom. É desde 2014 Presidente do teatro Coliseu Porto, (designado pelo Mistério da Cultura, Município do Porto e AmP). Foi o primeiro director do Teatro Nacional S. João, entre outras funções públicas que tem desempenhado no sector das Artes e da Cultura. Programador cultural desde o início da década de 80. Autor de dezenas de artigos científicos e livros sobre temas em que investiga (cinema, artes, comunicação mediática).

A presente comunicação (e o ensaio a que dará lugar) pretende contribuir para uma interpelação da noção de paisagem visual. Trata-se de comentar e colocar em perspectiva alguns excertos de discursos fílmicos e plásticos onde a ideia de paisagem - visual e estética - adquire preponderância. Numa época onde a nostalgia e a incerteza da paisagem (tal como se individualiza na pintura, e no cinema clássico) deixam traços e recombina memórias, em contraponto com o caos e a artificialidade das imagens, é pertinente perguntar o que aconteceu à sua representação, plástica e cinematográfica. Procurar compreender saber como se transformou a noção de paisagem. Não se trata, naturalmente de um exercício

fechado, mas de tomar como válidas algumas circulações e migrações de significantes e significados. Uns e outros alimentam hoje um outro território que só aos poucos parece estar a construir os fundamentos de um novo mapa.



FERNANDO ARANDA

Fernando Aranda González (Cidade do México, 1983) frequenta o doutoramento em Media Artes na Universidade da Beira Interior. Trabalha há mais de 13 anos em torno da paisagem e da sua relação com a natureza humana, o comunitário e a ecologia interior. Desenvolveu múltiplos projectos através da pintura, do desenho, da fotografia, da animação, da gravura e da instalação pictórica. Realizou sete exposições individuais e participou em 23 exposições coletivas, tanto no México como em Portugal.



FERNANDO CABRAL

Fernando Cabral é licenciado e mestre em Cinema, como projeto final de mestrado escreveu e realizou a curta-metragem "Sussurro". É docente na Universidade da Beira Interior, onde leciona unidades curriculares na área da Imagem. É membro da comissão organizadora das Jornadas do Cinema em Português. Atualmente, desenvolve o seu projeto de investigação no Doutoramento em Media Artes na UBI.



FRANCISCO PAIVA

Francisco Tiago Antunes Paiva Francisco Tiago Antunes Paiva (Covilhã 1973). Professor Associado da Universidade da Beira Interior (UBI), onde dirige o curso de 3º Ciclo/ Doutoramento em Media Artes. Doutor em Belas Artes - Desenho pela Universidade do País Basco, licenciado em Arquitectura pela Universidade de Coimbra e licenciado em Design pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Coordena o Grupo de Artes do LabCom. Desenvolve pesquisa e

criação sobre processos espaço-temporais, intermedialidade e identidade nas artes. Integra comissões científicas de eventos e de diversas publicações internacionais especializadas. Coordenador científico da DESIGNA, Conferência Internacional de Investigação em Design, das Jornadas de Investigação em Artes e da plataforma Montanha Mágica* Arte e Paisagem. Integra ainda a Coo-Labora, cooperativa de intervenção social.



JESÚS OSORIO

Jesús Osorio artista plástico, docente e investigador. Nascido em Málaga (1975), viveu e trabalhou em várias cidades e países, nos quais desenvolveu e expôs projectos muito diferentes, individuais e colectivos, tirando partido desses contextos heterogéneos. Defende a multiplicidade como um rasgo importante da sua identidade artística (e pessoal), tomando-a como base da sua investigação criativa. Trabalha a partir da sua necessidade de propor sempre outras opções, explorando múltiplas variações ou manipulações da realidade. Indaga, brinca, reflecte sobre tudo o que poderia ter sido ou poderia ser, no impossível ou no ainda não conhecido. É Licenciado em Belas Artes pela Universidade de Granada e Doutor pela Universidade de Málaga, ambas em Espanha. Actualmente trabalha como professor no Departamento de Desenho da Faculdade de Belas Artes de Granada.



JOÃO CORREIA

João Carlos Correia possui Agregação e Doutoramento em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior, onde é Professor Associado, no Departamento de Comunicação e Artes da Faculdade de Artes e Letras. É editor da Revista Estudos em Comunicação (Scopus); investigador principal do Remedia-Lab Laboratório e Incubadora de media regionais e, desde 2017 é vice-coordenador do GT de Comunicação Política da Sociedade Portuguesa de Comunicação. Os seus interesses são os media locais e comunitários, estudos culturais e teoria crítica. Entre os trabalhos mais recentes, destacam-se “Construindo um ambiente multicultural para aprendizagem, inovação e pesquisa científica” (2018), “Comunicação e Cultura: Convergências e distâncias num mundo em rede” (2018) “Structural Crises of Meaning and New Technologies: Reframing the Public and the Private News Mediathrough the Expansion of Voices by Social Networks” (London, Rutledge, 2017).

Romantismo versus positivismo no imaginário científico do século XIX: o estatuto ambíguo da expedição geográfica

A expedição geográfica é a manifestação da vontade de conhecer e classificar que marcou a atitude científica do século XIX. O romantismo é frequentemente crítico desta forma de viagem que em parte expressa esta atitude científica. Porém, simultaneamente, de modo consideravelmente ambíguo,

a exploração científica, a descoberta e o espírito de classificação responsáveis por alguns dos grandes museus de história natural também foram alimento de uma certa atitude romântica, utópica e ficcional que transporta a ciência para o centro da aventura. Esta atitude de ambíguas está presente na literatura com Júlio Verne e Alphonse Daudet, e no cinema com George Méliès, como testemunhos de expressões intelectuais em que a ciência também foi a razão do sonho. A expedição geográfica à Serra da Estrela é um exemplo próximo desta ambiguidade, tal como ela se dá a conhecer nalgumas representações literárias e jornalísticas.



JOANA BAIÃO

Joana Baião (Leiria, 1981) é investigadora do CIMO - Centro de Investigação de Montanha, Instituto Politécnico de Bragança, no âmbito do projeto Laboratório de Artes na Montanha - Graça Morais, e membro integrado do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL). Licenciada em Artes Plásticas - Escultura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2005), Mestre em Museologia pela FCSH-UNL (2009) e Doutora em História da Arte - especialização em Museologia e Património Artístico, pela mesma faculdade (2014). Tem colaborado com instituições como o Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado, Museu de Serralves ou a Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva.



JORGE DA COSTA

Jorge da Costa é diretor artístico do Centro de Arte Contemporânea Graça Morais desde 2008 e, simultaneamente, desde 2013, do Centro de Fotografia Georges Dussaud, ambos em Bragança. Licenciado em Humanidades, Pós-graduado e Mestre em Arte Contemporânea. Comissariou inúmeras exposições de artistas portugueses e estrangeiros e de importantes coleções públicas e privadas. Tem colaborado com instituições como a Fundação Calouste Gulbenkian, a Culturgest ou o Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado. Foi júri em diversos projetos nacionais e internacionais. Assinou inúmeros textos de curadoria, publicados em livros e catálogos e tem apresentado comunicações em diversos colóquios e conferências na área da Arte Contemporânea.

Da montanha e outros territórios na arte de Graça Morais

Graça Morais (n. 1948) nasceu na aldeia do Vieiro, e de lá partiu para o mundo. A sua obra, resultante de mais de quarenta anos de atividade, estabelece uma relação que une o local ao global, num movimento recíproco que envolve o observador e, principalmente, o questiona. O seu universo pictórico é construído a partir de um olhar atento, interrogativo e meditativo em torno do ser humano e da sua condição no mundo. Neste processo, a territorialidade constitui um elemento fundamental - quer uma territorialidade geográfica e física, relacionada com a ligação da

pintora aos locais que habita, visita ou em que se instala, quer uma territorialidade intangível, relacionada com as histórias que alimentam o seu imaginário. Nesta comunicação evocamos os múltiplos territórios na arte de Graça Moraes, focando as suas ligações a temas fundamentais na sua obra, como a religião, o sexo, o envelhecimento, o exílio ou a guerra.



MANUELA PENAFRIA

Manuela Penafria é docente na área de cinema, na Universidade da Beira Interior. É membro do conselho científico de revistas portuguesas e brasileiras. Participa regularmente na organização e na comissão científica de eventos. É membro do Conselho Consultivo da AIM-Associação dos Investigadores da Imagem em Movimento onde co-coordena o GT “Teoria dos cineastas”.



MIGUEL BANDEIRA DUARTE

Miguel Bandeira Duarte é licenciado em Design de Comunicação (FBAUP/1994) é doutorado em Belas Artes: Desenho (FBAUL/2016) com a tese “O Lugar e o Objeto como circunstância do Esquisso”, financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). É professor auxiliar na Escola de Arquitetura da Universidade do Minho (EAUM) e diretor do Museu Nogueira da Silva - unidade cultural da Universidade do Minho, desde 2015. Membro investigador do “Lab2PT - Laboratório de Paisagens, Património e Território”, é editor da revista PSIAx e coordenador do Estúdio UM desde 2008

Movimento na Paisagem (fragmentos: Alvão)

Do Movimento na Paisagem são ensaios de desenho sobre o gesto do desenhador no ambiente. Neles, a amplitude do gesto alia-se à variação dos temas, do mar à montanha, na qual se foca a comunicação. O desenho é, aqui, um movimento estetizado de confrontação com o ermo. O corpo duela com a “capacidade incessante da natureza para improvisar” (Dufrenne). Na ação, que tudo vai transformando, altera-se o suporte, adotam-se ritmos gráficos, definem-se percursos no território. A partir de um conjunto de desenhos realizados entre 2005-07, procura-se, ainda, o enunciado que os precipitou.



PAULO CUNHA

Paulo Cunha é Professor Auxiliar na Universidade da Beira Interior, onde dirige o Mestrado em Cinema. É coordenador editorial da Aniki : Revista Portuguesa da Imagem em Movimento (<http://aim.org.pt/aniki/>) e co-coordenador do Seminário Temático Cinemas Pós-Coloniais e Periféricos da Socine - Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual. É programador nos festivais internacionais de cinema Curtas Vila do Conde e Porto/Post/Doc.



PEDRO NEVES

Pedro Neves (Leiria, 1977) Estudou no Porto, onde concluiu o mestrado em Cultura e Comunicação, variante Documentário, com dissertação sobre o documentário dos anos da Revolução de Abril. Em 2007 frequentou um curso de realização de documentários na Escola Internacional de Cinema e Televisão de San António de los Baños, Cuba. Em 2008 fundou a produtora Red Desert Films. Venceu nove prémios com os filmes que realizou. Foram exibidos na RTP, Canal Plus France, canal Plus Afrique ou TVCine e entraram na

competição em mais de 40 festivais nacionais e internacionais, como Clermont-Ferrand, Guadalajara, Doclisboa, Documenta Madrid, Curtas Vila do Conde, Festival de Curtas de São Paulo, Porto Post Doc, Festival de Salónica, CPH:DOX, entre outros. Da sua filmografia, destacam-se os documentários “a olhar o mar” (89’, 2007), “En la Barberia” (6’, 2007), “Os Esquecidos” (63’, 2009), “Desencontros” (39’, 2010), “Água Fria” (14’, 2011), “A Raposa da Deserta” (85’, 2014) e “Hospedaria” (20’, 2014). Em 2014 finalizou o documentário “Acima das Nossas Possibilidades” (43’), integrado no Projecto Troika e, com Boaventura Sousa Santos, realizou a curta-metragem “Conversas do Mundo”. Em 2015 produziu e realizou o filme “Bairrismos” (61’). Já em 2016 realizou a curta-metragem documental “A Praia” e a longa “Tarrafal”, estreada no Porto Post Doc e com International Premiere no CPH:DOX, na Dinamarca. Em 2018 produziu o documentário de Melanie Pereira “Aos Meus Pais” (Doclisboa 2018), o documentário “Geni”, de Luís Vieira Campos (Porto Post Doc 2018), produziu e fez a direção e fotografia da longa-metragem Bostofrio, de Paulo Carneiro, com estreia no Indie Lisboa, e realizou a curta documental Náufragos, a convite do Festival de Vila do Conde, onde foi World Premiere. Em 2019 realizou o filme “A Fábrica”, com estreia mundial no Curtas Vila do Conde.



RAYMAN VIRMOND

Rayman Virmond Trabalha como filmmaker e artista interdisciplinar, realizando documentários, vídeos experimentais e videoclipes. É mestrando em cinema pela Universidade da Beira Interior, na Covilhã, Portugal. É licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Paraná, com trabalho de conclusão de curso sobre paisagens do Morro do Anhangava - Serra da Baitaca (Paraná, Brasil). Estudou cinema no Centro Europeu, com ênfase em documentário, e cinematografia na Bande à Part, em Barcelona, com especialização em direção de fotografia e câmara. Desenvolve investigação relacionando artes e humanidades, principalmente o cinema/vídeo experimental com a geografia, as ciências sociais e a filosofia.

Elevação: a representação da montanha na obra de Werner Herzog a partir de uma análise geográfica e fílmica

Esta comunicação tem como objetivo discutir e analisar a representação da montanha na obra do cineasta alemão Werner Herzog, a partir de uma análise fílmica e geográfica. Como recorte para este estudo, foram selecionados os documentários *The Dark Glow of the Mountains* (1984), *Encounters at the End of the World* (2007), *Cave of Forgotten Dreams* (2010), *Happy People: a year in the Taiga* (2010) e *Into the Inferno* (2016), por serem as obras que utilizam a montanha como paisagem marcante e determinante na narrativa. Busca tam-

bém realizar uma reflexão sobre como a construção da representação montana nos filmes se relaciona com os conceitos geográficos geomorfologia e biofilia. Os filmes de Herzog trazem uma leitura poética sobre a natureza, onde o espectador é conduzido por sua narração hipnótica por imagens de lugares inóspitos, bucólicos, pitorescos e singulares, levando a reflexões sobre as relações do ser humano com a Terra.



RITA SALVADO

Rita Salvado (1969) é diretora do Museu de Lanifícios e Professora Auxiliar na Universidade da Beira Interior (UBI), onde coordena o curso de doutoramento em Design de Moda. Doutora em Engenharia Têxtil com doutoramento europeu (Portugal, França e Suécia) recebeu o prêmio de Mérito Pedagógico da UBI-FE/CGD 2013, pelo trabalho desenvolvido sobre a identidade da licenciatura em Design de Moda da UBI. Em 2003, recebeu o prêmio científico "The Fiber Society Student Award" da renomada sociedade americana Fiber Society e em 2019 recebeu o prêmio de inovação "Techtextil Innovation Award" da Messe Frankfurt Exhibition GmbH pela co-autoria em nova aplicação com interesse para a indústria têxtil. Desenvolve investigação avançada na sinergia entre Engenharia Têxtil e Design, aplicada em tecnologia usável e em valorização cultural.



RITA SIXTO

Rita Sixto Cesteros (Trives, 1962), es profesora en el departamento de Dibujo de la Facultad de Bellas Artes de la Universidad del País Vasco. Con la dirección de Adelina Moya defendió en 1998 la tesis titulada Instante y duración. Aproximación a la temporalidad fotográfica, y se sigue interesando por las relaciones entre arte y tiempo, así como por las imágenes en general. Trabaja sobre la dimensión investigadora de la práctica artística. Le interesan especialmente los procesos de observación y memoria, como parte del proceso poético. Coordina el proyecto de investigación titulado El lugar del sujeto en la investigación artística basada en la práctica.



TIAGO FERNANDES

Tiago Fernandes é docente nos cursos de Cinema da Universidade da Beira Interior, onde desenvolve também o seu projeto de doutoramento em Media-Artes. É diretor de som para cinema e televisão, contando com a participação em várias curtas-metragens, documentários, séries e filmes publicitários

para a televisão portuguesa e para Cabo Verde, Brasil e Reino Unido. Escreveu os manuais de som “Áudio para cinema e TV” e “Técnicas de captação de áudio para cinema e TV”, para cursos ministrados no Instituto de Artes e Técnicas em Comunicação do Brasil. Integra a Comissão Organizadora das Jornadas do Cinema em Português e é membro da AIM - Associação de Investigadores da Imagem em Movimento e da NECS - European Network for Cinema and Media Studies.



UNAI REQUEJO

Unai Requejo (Santurtzi, 1982) trabaja principalmente con vídeo, fotografía y dibujo, pero también con sonido y música. Doctor por la Universidad del País Vasco (UPV/EHU) con una tesis sobre el jugar en los procesos artísticos, actualmente es profesor adjunto en la Facultad de Bellas Artes de dicha Universidad. Sobre el paisaje le interesa el contraste entre temporalidades propias y extrañas de cada lugar, los juegos de escala fractales, los lugares turísticos y los espacios lúdicos. El jardín está presente en su producción con la serie Kristalezko Uhinak(2017) exposición individual en la que explora estanques y acompaña de la autopublicación Urmael. En 2016 publica el libro de fotografías y dibujos Monte, con el que propone un recorrido ficticio por diferentes enclaves montañosos. Miembro del grupo de investigación laSIA, también anda en proyectos como Kluv Domynga, Txaranga Urretabizkaia o Dibuja Tolrato. www.unairequejo.com.



VEVA LINAZA

Veva Linaza (Bilbao, 1973) es pintora y profesora adjunta en el departamento de Pintura de la Universidad del País Vasco (UPV/EHU). Miembro del grupo de investigación laSIA. Su interés pictórico incide en las posibilidades de acercamiento al paisaje tratando de establecer una recuperación y redefinición de los discursos romántico naturalistas. Ha realizado exposiciones, tanto individuales como colectivas, y disfrutado de becas como por ejemplo la beca de Creación de la Diputación Foral de Vizcaya o la beca de residencia artística en Bilbao Arte. En 2019 participa en la exposición colectiva Azimuthen Hasselt, Bélgica, como parte de una colaboración entre la Universidad PXL-MAD/UHasselt y la UPV/EHU, que se celebró en el Cultuurcentrum de Hasselt y que tuvo su continuidad con la exposición Pamplemousse en la Sala Chillida del Bizkaia Aretoa de Bilbao. Durante el mes de noviembre participará en una exposición colectiva dentro del Programa de Mediación de la Edición de Getxoarte 2019.

www.vevalinaza.com.



Residências artísticas



Nos dias prévios a 1 de Agosto de 1881, enquanto preparavam a sua expedição, os viajantes lidaram com as suas imagens internas, densas e inacessíveis, tentando antecipar o que iriam encontrar entre as penhas, nas lagoas, nos cumes de um território inexplorado e coberto por medos antigos. Já imbuídos na montanha, a imagem mental, sempre ilusória e desfeita, dissipou-se completamente diante da imponente realidade física de cada descoberta. Após a viagem, a memória permaneceu, novamente imagens na mente, mas agora registos mais ou menos claros do que foi visto, do significado e da experiência. Para alguns, também foi satisfeita a curiosidade, a aprovação para avançar para novas etapas de pesquisa ou outros projetos, após um relatório detalhado da expedição. Mas para o artista era o desejo aberto, o que fazer com todas aquelas visões vibrando no espírito? — Decidiu continuar trabalhando nas suas percepções, investigando o que havia registado na sua memória. Às imagens lembradas foram acrescentados sonhos, deformações, alterações voluntárias, jogos e invenções. Nasceram novas imagens, parcialmente despendidas do existente, carregadas de verdade e de engano, novos lugares que nunca estiveram no

mundo tangível, mas que têm muito a ver com o imaginado, com as sensações físicas de viajar entre rochas impossíveis, com a vertigem, com o medo, com o mito, imaginando o que teriam sido aqueles lugares ao virar de costas, ou como eles realmente serão ao cair da noite ... e com as emoções modificadas e intensificadas à medida que progredia o olvido.

Esta exposição de Jesus Osorio materializa a investigação resultante de uma residência artística de três meses, coordenada pelo professor Francisco Paiva no âmbito do Programa Internacional de Residências Científicas da UBI, com o apoio da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Granada e com a colaboração da New Hand Lab.

Desde Miguel Torga que Trás-os-Montes é sinónimo de Reino Maravilhoso: um mar de pedras, serras que se sobrepõem a serras, montanhas paralelas a montanhas. De 28 de Outubro a 3 de Novembro, estudantes de Cinema da UBI estiveram na vila de Vinhais em residência artística sob o lema da Montanha Mágica. Com inspiração na paisagem natural e humana de Vinhais e arredores, captaram imagens e sons, sob supervisão de **Pedro Neves**. Esta residência pretendia potenciar um intercâmbio de experiências entre os estudantes de Cinema da UBI e os habitantes do Concelho de Vinhais, contribuindo para o processo de documentação e preservação da memória colectiva, das tradições e das paisagens visuais e sonoras desta região. Coordenada por **Tiago Fernandes** e com a participação de **Manuela Penafria**, **Fernando Cabral** e **Paulo Cunha**, todos docentes da UBI, esta residência envolveu 7 alunos do 2.º Ciclo em Cinema da UBI, organizados em duas equipas, e contou com o inestimável apoio da Câmara Municipal de Vinhais, do Labcom - Comunicação e Artes e da Nós por cá todos bem - Associação Cultural. No âmbito desta residência, foram realizados dois filmes: Solstício e Aldeia do Diabo.

Solstício

LUCAS TAVARES, BRUNO PADALCO
E FAUSTO MONIZ

O dia de solstício marca a passagem do verão para o inverno, com a particularidade de ser o dia em que o sol atinge a altitude mais baixa e, consequentemente, o dia com menos horas de sol do ano. Acontece em finais de Dezembro. A paisagem transmontana apresenta elementos que evidenciam de forma

singular essa transição entre o tempo quente e claro para o tempo frio e escuro. Passámos seis dias em Vinhais, com quatro dias de rodagem efetiva. Dentro das limitações, mas com uma especial colaboração dos habitantes e amigos de Cidões, pequena aldeia do concelho de Vinhais, tivemos a oportunidade de visitar vários locais com paisagens muito distintas. Para além da paisagem natural, também observámos e filmámos a paisagem humana e animal, os ritos de transição do ciclo agrícola, como a apanha da castanha, um marco fortíssimo do outono. As paisagens sonoras, igualmente diversas, também acentuam essa transição da natureza nesse período do ano.

Aldeia do diabo

MARCOS KONTZE, BRUNO ACOSTA,
MELISSA GOMES E TOM FREITAS

O olhar deste projeto foi muito direcionado para a relação entre os moradores da aldeia transmontana de Cidões e as crenças e tradições que a festa da Cebra e do Canhoto representa para eles, tendo a figura do Diabo como fio condutor de uma narrativa secular que é recorrente nas festas populares de natureza pagã que ocupam esse território. Interessou-nos ouvir e observar os moradores de Cidões para compreender a sua relação com a figura do Diabo, o protagonista da festa da aldeia. As conversas que tivemos remetem para experiências com o sobrenatural, expondo as suas crenças e histórias de vida que muitas vezes se confundem com a própria história da aldeia





Proyectos



PROJECTO MM*2019 #01

Serantes-caracol.

Una conversación entre dos montes

UNAI REQUEJO, VEVA LINAZA

El 24 de julio de 2019 dos equipos de excursionistas, miembros del grupo de investigación laSIA, suben al mismo tiempo a los montes Serantes (451m) y Caracol (249m). Ambos puntos están separados 2240m (2230 sobre el plano 202 metros de desnivel). Son visibles. El objetivo, establecer contacto visual y sonoro. Esta acción pudiera ser considerada “misión” o “cometido” frente al legado de la carta de Francesco Petrarca, Familiares IV, 1: La ascensión al Mont Ventoux, que da inicio a un pequeño proyecto titulado Ascenso al Serantes (después de Petrarca).* La conversación adopta el formato de testimonio, narrando las acciones sincrónicas desde ambas cumbres. El diálogo entre Serantes-Caracol, se presenta desde la corporeidad de lo ocurrido. Dos montes que se convierten en sujetos abordables, para cuestionar los vericuetos de la investigación artística. *<http://www.lasiaweb.com/es/category/actividades/seminario/>

PROJECTO MM*2019 #02

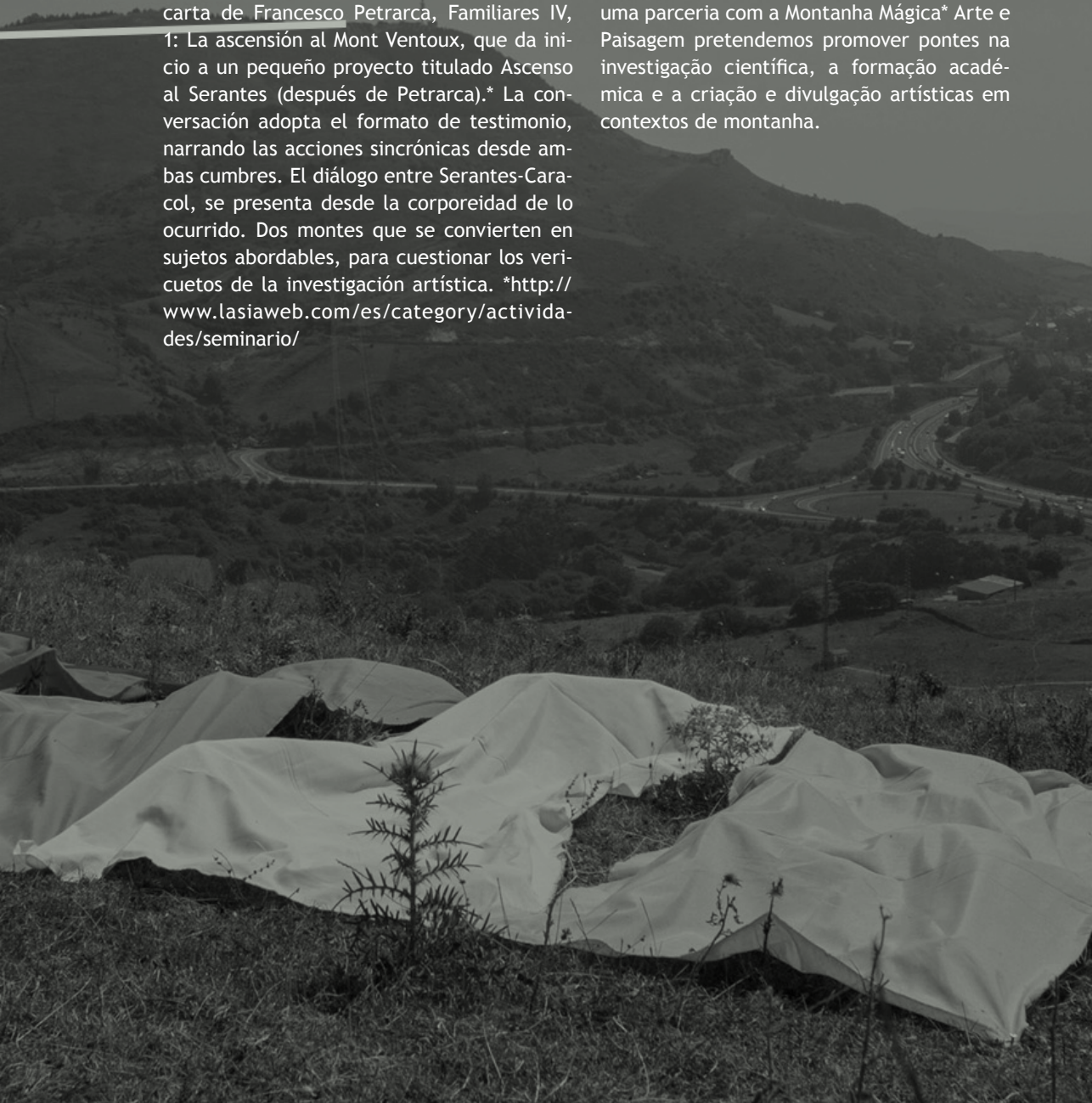
Laboratório de artes na montanha

- Graça Morais

JORGE DA COSTA, ANTÓNIO MEIRELES,

JOANA BAIÃO

O Laboratório de Artes na Montanha - Graça Morais é um projeto de investigação baseado na prática, da iniciativa do Instituto Politécnico de Bragança em parceria com o Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, através da sua tutela, a Câmara Municipal de Bragança e inscrito no Centro de Investigação de Montanha. Através do estabelecimento de uma parceria com a Montanha Mágica* Arte e Paisagem pretendemos promover pontes na investigação científica, a formação académica e a criação e divulgação artísticas em contextos de montanha.



Exposições / Instalações

PRIMEIRO TEMOS UMA MESA, para o estudo da matéria. Aqui se acumulam possibilidades várias a propósito de uma montanha. É uma montanha e é a montanha, que se repete na sua diferença. Matérias e escalas experimentam-se num acúmulo de conhecimentos. Tim Ingold, no seu monumental *Being Alive*, afirma que só se conhece em movimento, e não na observação parada - ou encadeirada - da natureza. “É nestes movimentos destros através das passagens da vida e da viagem, defendo eu, e não no processar de informação recolhida de múltiplos locais de observação, que o conhecimento dos habitantes é forjado. Assim locomoção e cognição são inseparáveis, e um estudo da mente deve estar tão preocupado com o trabalho dos pés como com o da cabeça e das mãos”¹. Com o olhar percorrem-se os desenhos-pinturas-objetos que estão na mesa da exposição, como quem com os pés percorrendo o solo foi olhando a montanha: locomoção e cognição. É um estudo e de certa forma o nosso pequeno *studiolo*. “O desenho envolve o estudo, é uma estratégia e uma consecução. (...) Esse ambiente pode fechar-se nas gavetas dos reservados de um arquivo que não seja autofágico ou castrador; pode fecundar num mobiliário requintado que no imaginário ocidental subsiste em espaços confinados e de acesso condicionado. Nos *Studioli* o ambiente servia uma exponencial germinação gráfica do pensar - pela palavra, pela imago. Era um local aprazível impulsor de ideias e revelações (...)”, afirma Fátima Lambert². Neste lugar, estamos sem mobiliário requintado e com acesso alargado é certo, mas ainda assim testando a germinação pela imago.

No campo artístico, o estudo é na sua primeira aceção preparação para a obra final, mas desde cedo entendido como obra também, a par do esquiço, do esboço, da nota. Aqui, depois desta *Montanha (estudo)*, apresentamos *Objeto imaginário com montanha em movimento*. Em consonância com uma visão da arte, de toda a arte como produção artística, ontologicamente as duas obras são estudos, o título diferenciado estudo/objeto apenas sublinhando, e dessa forma trazendo para o espaço expositivo, essa construção do processo criativo.

Objeto imaginário com montanha em movimento é uma estrutura de uma simplicidade desarmante, e à vista, que mostra e demonstra a sua própria arquitetura. Finas ripas estruturam uma cobertura de papéis translúcidos unidos com fita de papel, numa manta que é uma coleção. As folhas de papel de 75x50cm cada, são unidades fragmentadas mas absolutamente iguais, para uma construção única. À simplicidade associa-se a fragilidade dos materiais: o papel que pode rasgar a qualquer momento, a estrutura pouco estruturada... é a própria condição de ameaçada da natureza que também aqui se tem em mente. Esta *montanha-tenda-abrigo-écran-de-projeção* é o lugar para apresentar uma animação em *stop motion* de uma mesma montanha representada bidimensionalmente (a bidimensionalidade do desenho e - digamos - a bicumidade da forma típica da montanha com dois cumes). As ripas são de madeira tosca, a fita-cola é de papel e o papel é vegetal: matérias da montanha.

O filme é feito pela sucessão desregrada e atípica de 24 desenhos, cada desenho um frame, mas juntos perfazendo bem mais do que um segundo. O revestimento de uma única montanha - ainda a mesma - modifica-se com a passagem do tempo do filme. São variações de superfície, e logo, de meteorologia, de matéria, de estação, de cor e tamanho. Sobre a superfície dos papéis finos e translúcidos, unidos com a fita cola, os diferentes revestimentos da montanha vão-se sucedendo. E o papel treme.

A magia da animação contempla os seus invisíveis, desde logo: o outro lado. Não o vemos, esse lado de lá da montanha, que a caminha nos fará descobrir. Mas também, a projeção da luz do vídeo não é a retangular, antes binocular. Instrumento ótico para aproximar e aumentar o longínquo, o binóculo mostra o que está inacessível, com a sua característica imagem de duas circunferências sobrepostas, numa visualização clarificada do fenómeno humano de, com dois olhos, formarmos uma única imagem. Quando andamos e perscrutamos pelos binóculos, o corpo para, mas a imagem treme, apenas fixa se colocada sobre um tripé, ou nos modelos mais contemporâneos pela ferramenta do estabilizador de imagem. Jonathan Crary lembra-nos que até ao séc. XIX “a disparidade binocular, o facto de vermos uma imagem ligeiramente diferente com cada olho, nunca foi seriamente tratada com um tema central. Enquanto problema foi ignorado ou minimizado, uma vez que implicava aceitar a visão humana enquanto operação fisiológica e anatómica. (...) A monocularidade, com a perspectiva e a óptica geométricas, foi um dos códigos do Renascimento através do qual o mundo visual é construído, de acordo com constantes sistemáticas, e das quais se banem quaisquer inconsistências e irregularidades para garantir a formação de um espaço perfeitamente homogéneo, unificado e legível”³.

A estrutura que construímos com madeira e papel, e sobre a qual projetamos uma imagem flutuante, é um objeto imaginário.

Nele a binocularidade é uma imagem (mais precisamente uma máscara, um recorte num cartão à frente da objetiva do projetor de vídeo), e o vídeo projetado uma sucessão de desenhos a grafite: a montanha anima-se. Imaginação e visão de corpos que estiveram em movimento na montanha. “O meu corpo móvel conta para o mundo visível, faz parte dele, e por isso posso dirigi-lo para o visível. Por outro lado, é verdade também que a visão é suspensa pelo movimento. Apenas vemos o que olhamos. (...) Todas as minhas deslocações, por princípio, figuram num canto da minha paisagem, estão reportadas no mapa do visível”⁴.

Discutindo com Deleuze, Guattari e Merleau-Ponty, Tim Ingold conclui, que “a experiência do espaço mole (smooth space no original) é luz, som e sensação, não é algo que se obtém por outros meios. Não é nem óptico nem háptico mas atmosférico. (...) estas qualidades da experiência sensorial (...) são fenómenos do mundo-climático (weather-world no original). Pertencem aos fluxos do meio não à confrontação das superfícies” (p. 134)⁵. Será mais do que andar na montanha: é montanhar.

Paramos na nossa caminhada, a imagem no escuro do binóculo treme, o que vemos movimenta-se. E ainda parados, sobre o corpo: o vento.

Notas

1. Tim Ingold, *Being Alive. Essays on movement, knowledge and description*, Londres, 2011, p. 17.
2. Maria de Fátima Lambert, *Studiolo XXI. Desenho e Afinidades*, Évora, 2019, p. 24.
3. Jonathan Crary, “Modernizing vision” in *Vision and Visuality*, ed. Hal Foster, Seattle, 1988, p. 32-33.
4. Maurice Merleau-Ponty, *L'Oeil et l'Esprit*, Paris, 2008, p. 17.
5. Op. cit, p. 134.



EXPOSIÇÃO MM*2019 #02

UNAI REQUEJO, VEVA LINAZA, RITA SIXTO,
ALBERTO DÍEZ, IMANOL ESPERESATE,
SUSANA JODRA, DAMARIS PAN,
TXEMI MEDIERO, RAKEL GÓMEZ VÁZQUEZ,
RAYMAN VIRMOND

(Grupo de Investigación laSIA)

Museu de Lanifícios, Galeria das Fornalhas
22/11/2019 > 05/01/2020

Ascenso al Serantes, Después de Petrarca

La carta fechada por Francesco Petrarca en 1336 (*Familiares IV, 1: La ascensión al Mont Ventoux*), ha venido considerándose un texto clave en la historia del alpinismo; un relato de carácter autobiográfico en el que confluyen la percepción estética de la naturaleza y el peso de la alegoría moral. Para el grupo de investigación laSIA, la lectura de este texto -incentivada por la Profesora Adriana Veríssimo en la pasada edición de Montanha Mágica*- supuso el inicio de una línea de trabajo.

El Monte Serantes, a pesar de su altura modesta (451 m.), es una estratégica atalaya sobre la costa del mar Cantábrico. Rodeado de una importante zona minera que fue motor de la industrialización del País Vasco, se sitúa a la izquierda de la entrada de la Ría de Bilbao, sobre el puerto. Su cima es un privilegiado lugar desde donde ob-

servar, tanto la costa como la cuajada área metropolitana. Pero además, el Serantes constituye una referencia muy especial para nosotros, al ser visible desde prácticamente cualquier lugar de la comarca: en ocasiones un cono perfecto, que se transforma al recorrer el territorio.

El *Seminario Serantes* conjuga el interés por la montaña como enclave simbólico en el paisaje, con el ejercicio de la investigación desde la práctica del arte; siendo esta última una cuestión fundamental para laSIA, esta exposición debe entenderse no como un conjunto de piezas artísticas, sino como un modo de exponer (de abrir a la discusión) una investigación artística que todavía está en proceso.

Seminario Serantes

Este Seminario es una propuesta del Grupo de investigación laSIA; un grupo formado por profesores de la Facultad de Bellas Artes de la Universidad del País Vasco, cuyo proyecto base tiene como finalidad explorar la dimensión investigadora de la práctica artística. Ya que el objetivo prioritario es tratar de fundamentar la práctica del arte como experiencia de saber, en el proceso investigador la producción artística se asume como una parte fundamental.

Componen el Seminario una parte de los miembros del grupo laSIA, más otros artistas, doctorandos, y profesores interesados en esta línea de trabajo iniciada como fruto de la relación con Montanha Mágica*. El proyecto se de-



sarrolla como una experiencia colaborativa, aunque en ningún caso se evitan los ejercicios individuales.

En la página web de *laSIA* han sido recogidas algunas de las actividades más significativas hasta la fecha:

<http://www.lasiaweb.com/es/category/actividades/seminario/>

EXPOSIÇÃO MM*2019 #03

JESÚS OSORIO

Museu de Laníficios,

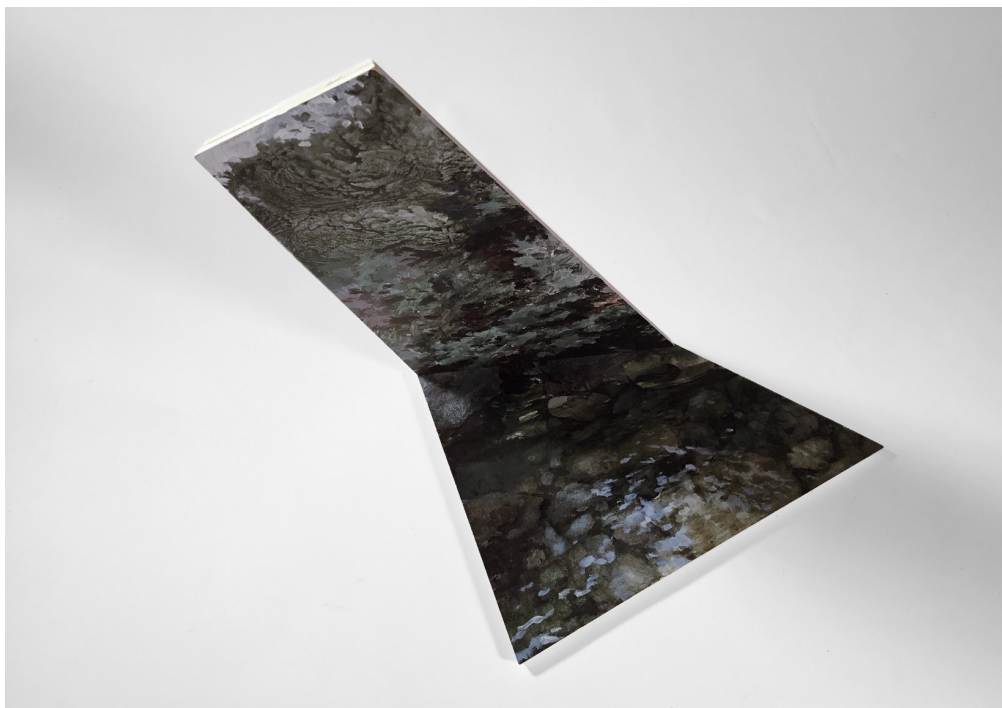
Galeria de Exposições Temporárias

22/11/2019 - 05/01/2020

A exposição de Jesus Osorio é composta por uma série de objectos, desenhos e pinturas que materializam a investigação resultante da residência artística de três meses, atrás referida, coordenada pelo professor Francisco Paiva no âmbito do Programa de Residências Científicas Internacionais da UBI, com o apoio da Faculdade de Belas Artes da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Granada e a colaboração

© Jesús Osorio







EXPOSIÇÃO MM*2019 #04
Movimento na Paisagem
(fragmentos: Alvão)
MIGUEL BANDEIRA DUARTE
Museu de Lanifícios,
Galeria de Exposições Temporárias
22/11/2019 - 05/01/2020

A partir da dinâmica do olhar e do corpo no ambiente, colocou-se a hipótese de o desenho de observação poder ser o registo de uma experiência visual e tátil de locomoção, de deslocação dos pontos de observação, onde a realidade se apresenta em movimento contínuo e efémero.

O desenho é um acto organizador da paisagem, de deslocações do olhar, do corpo, da linha. Ele fixa as intensidades dos fluxos de forma ambígua, aberta à especulação sobre o que as marcas representam ou as ações que induzem. Os desenhos que se mostram foram realizados em tempo de mestrado (2005-2006). A Serra do Alvão foi escolhida pelo fascínio do seu carácter ermo. No profundo silêncio que inspira, quaisquer ações parecem amplificar-se. A ausência de uma ordem regulada, a atenção particular ao vazio, a diminuição da interferência de processos críticos de correspondência isomórfica, devolvem ao desenhador uma experiência sensorial forte e ao fruidor a liberdade do percurso no desenho.

© Miguel Bandeira Duarte









PARCERIAS

A Ribeira a Gostar da Própria, São Domingos, Covilhã www.ribeiradesaodomingos.ubi.pt
Associação LUZLINAR, Feital, Trancoso, www.luzlinar.org
Centro de Arte Contemporânea Graça Morais / Laboratório de Artes na Montanha, Bragança
COOLABORA - Cooperativa de Intervenção Social www.coolabora.pt
Cursos de Design Multimédia, 1º e 2º Ciclo, UBI www.ubi.pt/curso/33
Cursos de Cinema, 1º e 2º Ciclo, UBI www.ubi.pt/curso/57
Doutoramento em Media Artes da Universidade da Beira Interior www.media-artes.ubi.pt
École Supérieure d'art d'Aix-en-Provence, França www.ecole-art-aix
Facultad de Bellas Artes de la UPV-EHU, Bilbao, Espanha www.ehu.eus/es/web/bellasartes
Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior www.museu.ubi.pt
New Hand Lab. www.newhandlab.com
Stellae* Revista de Arte <http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/stellae>

APOIOS

Universidade da Beira Interior
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
Câmara Municipal da Covilhã
Águas da Covilhã, EM
Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior

PRODUÇÃO

LABCOM.IFP, Grupo de Artes e Humanidades - Universidade da Beira Interior, Covilhã, PT
LaSIA, Universidade do País Basco, Bilbao, ES

DOI: 10.25768/fal.2019-mm

ISBN: 978-989-654-609-0

MM*2019





LABCOM.IFP

COMUNICAÇÃO, FILOSOFIA E HUMANIDADES

UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR